



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**GIL VICENTE.**

HERMANO, António

Ano: 1902 | Número: 19

---

## Como citar este documento:

HERMANO, António, Gil Vicente. *Revista de Guimarães*, 19 (2) Abr.-Jun. 1902, p. 71-83.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# GIL VICENTE <sup>1</sup>

---

## I

### **Pinceladas biographicas**

Depois de longos e eruditos debates, a critica definiu que Guimarães, o berço da monarchia, tem igualmente a insigne gloria de ser o berço do theatro nacional, dando á vida essa aguia real da nossa litteratura, que se chamou — Gil Vicente.

Nasceu elle no seio d'uma familia proletaria, em 1470, na aurora dos tempos modernos, quando a patria era grande. Seu pae, um ourives de prata, chamado Martim Vicente, provavelmente porque descobriu na fronte do pequeno Gil, filho unico, o lume da intellectualidade, matriculou-o na Collegiada, onde por esse tempo, o *Cabiscol* (conego-professor) ensinava as tres artes do *Trivium*. Adivinha-se que o bem fadado escolar de Nossa Senhora da Oliveira confirmasse manifestamente aptidões invulgares e, por isso, Martim resolvesse desde logo, aproveitar-lh'as como mereciam, n'um curso universitario. É certo que a Universidade ficava longe, na remota Lisboa, mas as circumstancias favoreciam as aspirações do pae solícito: viuvo como estava, não lhe era demasiado penoso migrar da *villa* natal e annuir ao convite amigo de seu irmão, Luiz Vicente, pae do artista genial que cinzelou a *custodia de Belem*, homónimo do poeta.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado segundo as informações e criticas dos snrs. *Theophilo Braga, Brito Rebello, Visconde d'Ouguella, Camillo, Garrett, Barreto Feio e Aragão Morato*. Como é simples trabalho de *vulgarização*, dispenso-me de documentar as affirmações que avanço.

Ficava assim bem : ao lado do irmão, não lhe faltava carinho, pão e trabalho e velaria muito de perto a inexperiencia do filho esperançoso.

Deve ter sido de superior alcance para os destinos de Gil Vicente, passar a mocidade em Guimarães, no centro mais *nacional* do paiz, a recolher na mente os echos das maviosas serranilhas do Minho, e a enthesourar o oiro mais puro das fecundas tradições populares, habilitando-se, de tal guisa, a ser mais tarde, pelo guindado alôr do genio, uma synthese rigorosa e translucida da raça e da época. Tambem é de presumir que na cidade da Virgem da Oliveira se aleitasse do genuino sentimento christão, que jámais o abandonou, embora, vezes sem conto, tomasse do tagante com que o proprio Christo zurziu os vendilhões.

Guimarães era então, como que uma Jerusalem santa : ao altar da Virgem da Oliveira affluia em maré viva a colmeia social, trazendo, de envolta com o piedoso obolo da crença, a polychromatica documentação das usanças typicas, que dizem o viver d'um povo.

Quadros tão illuminados, affectivos e naturaes haviam de deixar, na phantasia nervosa do poeta, impressão indelevel. Com essa iniciação nacional, intensa e pura, nunca mais aquelle espirito astral deixaria de ser uma lidima floração do seu *stractum* ethnico, ainda que a sua estrella o mergulhasse no arruido d'uma côrte cosmopolita.

Desde 1489 a 1492 frequentou Gil Vicente a Faculdade de leis, na Universidade de Lisboa, e crê-se geralmente que recebeu o grau de bacharel, « *baixo-doulor* », como a si parece denominar-se, no *auto da Lusitania*.

Esse triénio da vida do poeta esfuma se, á mingua de informações, mas não duvido de que terá sido um dos quadros mais intensos da sua vida e lhe terá servido de muito no definir de tão poderosa cerebração. Vinha de provincia rude, onde a idade média estava ainda no pleno sol do seu reinado, e via-se de chofre n'um mundo novo, onde já ia alvorando a Renascença, n'uma vaga ebullicão de ideias, novas e tentadoras.

Assim, pôde integrar a educação litteraria mal esboçada, accender mais vivo o penetrante olhar de aguia e principiar o giro pelos divergentes paramos da sciencia contempo-

ranea, afim de poder tornar-se, como tornou, um nobre representante do pensamento europeu.

Relatando o facto da nomeação de Gil Vicente, para *Mestre de Rhetorica do Duque de Beja*, príncipe herdeiro, logo que concluiu o curso universitario, ou ainda antes de o concluir, explicam-no alguns criticos pelo favor que fruíam na côrte, seu tio Luiz Vicente e seu primo Gil Vicente — o famoso ourives — e pela protecção que estes encontravam em D. Martinho Castello Branco, vedor da fazenda.

Não me convenço de que tão frivolo motivo determinasse a honrosíssima nomeação. Creio sim, que o radioso provinciano desenvolveu na Universidade um talento desmedido e que, de o divulgar, se incumbiu a fama palreira. Só de tal arte se justifica que a rainha D. Leonor, espirito claro e excellente, confiasse do novel graduado o espinhoso munus de cultivar o espirito de seu irmão, o futuro rei D. Manuel.

Depois da morte prematura do infeliz rei D. João II — o maior monarcha que tivemos —, durante todo o reinado de D. Manuel e parte do de D. João III, até 1536, o poeta vive na côrte e segue-a em Evora, Torres, Thomar, Almeirim, Coimbra, onde quer que ella ia furtar-se ao contagio da peste, ou celebrar pomposas solemnidades.

Alli, no seio da familia real, na côrte magnifica do rei venturoso, não falta nunca Gil Vicente a garrir as festas com a sua fina gargalhada, com os seus autos scintillantes. E se, em paga de tanto *espirito*, não o mimam com honras subidas, nem com substanciosas prebendas, que lhe amenizem a vida, é talvez porque o seu officio não sacudira por completo o estigma que degradava o jogral; é porque ainda pairava uma injusta confusão, entre o poeta que faz tão «*novas*» e encantadoras «*invenções*», e o chocarreiro que ri sem intelligencia nem arte. Está-se ahi a descobrir a garra adunca da inveja a ferir a aza setinea do genio e a gosmar na toga do juiz impiedoso e satyrico. E não admira: taes estocadas ha de sempre penal-as quem, como elle, se aprume contra a turba egoista e perversa. Essa maldosa inveja, tão vilanaz como cobarde, sempre agachada atraz de pretextos, quiz deprimir o arguto e hilariante comico, na sua nobre prosapia intellectual, fazendo correr que elle, não vibrando senão a nota *popular*, no conceito, na rima, no canto, era um despiciendo anachronico, incapaz de medir-se com os homens de «*bom saber*», os pa-

negyristas do metro novo e dos moldes greco-latinos; mas o genio radioso quebrou as malhas da intriga e ainda hoje fulgura, e fulgurará sempre.

Ao iniciar-se o saturnino reinado de D. Manuel, recebeu Gil Vicente o dominio da quinta do Mosteiro, no logar de Matacões, perto de Torres Vedras.

Tambem de D. João III recebeu a tença de 20\$000 reis brancos (400\$000 reis) e ainda a de tres moios de trigo.

Provam estes factos, que os dois monarchas, seus discipulos e protectores, comprehenderam os provados merecimentos do comico original que lhes «fazia os autos», embora se não mostrassem tão generosos quanto deviam.

Em 1512, aos quarenta e dois annos, casou Gil *Terrão* (de Torres) com Branca Bezerra, senhora de boa linhagem, sobrinha do prior da opulenta collegiada da villa. D'este consorcio houve o poeta quatro filhos, que lhe honraram o nome insigne:

*Paula Vicente*, dama de talentos estremados, que o ajudou na colleccionação e retoque das obras, «*Moça da Camara*» da infanta litterata D. Maria, e «*tangedora*», o que significa pericia musical;

*Luiz Vicente*, editor dos autos, que dedicou a D. Sebastião, porque soubera, que, em menino, o principe gostava de os ouvir lêr;

*Valeria Borges*, casada com D. Antonio de Menezes, segundo o Nobiliario manuscripto de D. Antonio de Lima, no qual, a proposito, se lê que *Gil Vicente*, natural de Guimarães, *fazia os autos melhores, mais graciosos e substanciaes* que se faziam em Portugal;

*Martim Vicente*, fallecido na India, onde, parece, pouco antes, sob o grande Affonso de Albuquerque, servira tambem Vicente Fernandes, filho do outro Gil Vicente, o ourives e *Mestre de balança*, como se infere da narrativa de Gaspar Correia.

Depois de trinta e quatro annos consumidos n'uma operosa actividade creadora, desde 1502 a 1536 e de mais quatro que passou na sua quinta, a organizar e a enriquecer de notas inestimaveis a obra dispersa e quasi perdida, falleceu em 1540 este maximo vulto do nosso primeiro cyclo litterario. Seus filhos, por lhe cumprirem piedosamente a expressa vontade, trasladaram-no para Evora, a descansar na jazida em que, desde 1533, o estava esperando a chorada esposa. Os epita-

phios que para ella e para si compoz, tão singelos como sentidos, dão testemunho claro da nobreza d'alma e da crença sincera do fundador do theatro portuguez.

A vida do primacial litterato, espaçando-se pelas sete decadas que vão de 1470 a 1540, ajusta-se á época prodigiosa, em que o pequeno Portugal, senhor de continentes e dos roteiros maritimos, exerceu a hegemonia na Europa, e marcou lugar épico nos annaes da humanidade. As notas hymnicas e joviaes do estro vicentino rimam com esse enorme arrojio victorioso.

## II

### **Antecedentes do theatro vicentino**

Como os demais santos do canon das letras, Gil Vicente houve á mão a materia prima com que elaborou o seu ridentissimo monumento: colheu-a sob a pupilla fulgurante, deu-lhe ordem bella e organismo vivo, insufflou-lhe alma semovente: trabalho de gigante!

Dentro do paiz e além d'elle, existiam esses diffusos germens dramaticos.

Na patria não tinham crystallizado em progredimentos sensiveis, porque a alma nacional, obsessa do fragor bellico, na defesa e na conquista, não pudéra repousar o braço vigoroso, para trovar e rir: todo o tempo era pouco para acaçar o glorioso montante. Porém, embora com inopia evidente, teve predecessores o nosso Aristophanes.

Esboços grosseiros de theatro liturgico, houve-os sempre nas maiores solemnidades catholicas, como: o Natal, os Reis, a Paixão. Figuravam-se, como era possivel, os mysterios sacros e avivavam-se os quadros biblicos, com muito aprazimento do povo. E esses relevos scenicos eram quasi uma necessidade, para infiltrar uma restea de comprehensão na cabeça de gente semi-barbara, incapaz de attingir, sem vertigens, as mais simples verdades theologicas. O tablado de tão mal gisados arremêdos alceava-se nos templos e nos claustros, mas, em breve, a Igreja viu que a respeitabilidade devida á casa de Deus era incompativel com os instinctos viciosos da populaça epicurea. Presto acudiu ella pela gravidade do cul-

to, lavrando decretos de severa prohibição nas constituições dos bispados e nos canones dos concilios, contra as inveteradas parodias ao divino.

A par dos mômos hieraticos, foi-se desenvolvendo o theatro secular. Os dias de gala publica, as emergencias faustas, tinham como numero obrigado o elemento *farquista*: uma copiosa variedade de diversões jogralescas, em que o povo fraternizava com o rei na risada franca. Para exemplo, basta citar as festas do casamento de D. Leonor, irmã de D. Affonso v, com o imperador Frederico III da Allemanha, e ess'outras sumptuosissimas, do consorcio da princeza D. Isabel, herdeira do throno de Hespanha, com o mallogrado D. Affonso, filho de D. João II. Os chronistas Ruy de Pina e Garcia de Rezende, contando maravilhas d'essas pompas unicas, celebram admirativamente as «*justas, mômos, torneios, canas e entremêzes que espantavam*».

É tambem muito conhecido o facto de os jograes *Bonamis e Acompaniado* pagarem com *arremedilhos* uma doação regia.

Nos serões da côrte apreciavam-se grandemente esses divertimentos e acolhia-se com alvoroço quem os prodigalizava.

Mais ampla e adiantada era a movimentação dramatica em Hespanha, França, Italia e Inglaterra. Estas nações, maiores, e menos enfeudadas ao frenesim da guerra e aos amavios do oceano, tinham-nos tomado a dianteira nas lettras.

Em Hespanha, com a qual sempre nos era necessario viver em trama intima de relações, vogava com invejavel celebridade a comedia *Celestina*, de Juan de Mena e de Rojas. Juan de Encina, aliás muito inferior a Gil Vicente, alegrava a côrte de Fernando e Isabel, com as suas maviosas eclogas. D'esse auctor é a farça *del repelon*, que pôde ter inspirado a ideia inicial do monologo do *Vaqueiro*, a primeira composição do nosso poeta.

Se porém Gil Vicente é vencido em prioridade pelo theatro hespanhol e d'elle alguma inspiração hauriu, vence-o por completo em valor absoluto e paga-lhe o insignificante emprestimo, influindo evidentemente em Lope de Vega e Calderon, verdadeiros creadores d'aquelle theatro.

Na França, como é natural, abundava a iniciação dramatica, e de lá nos vinha, desde o oxordio da monarchia, notavel influção litteraria, canalizada pelas relações constantes entre as duas côrtes. Lá se fundavam confrarias dramaticas

como a da *Paixão* e a dos *Enfants sans soucy*, e, mais que essas, dominava a *Bazoche*, que soube ganhar a protecção de Luiz XI e Luiz XII, e conseguiu singular importancia, fazendo de tribunal, de escola e de orgão das reclamações populares.

Grande foi tambem a notoriedade da farça do advogado *Pathelin* e a *Vida de Christo* por João Michel, paradigma provavel da *Historia de Deus*, de Gil Vicente.

Igualmente forte era a corrente italiana, facilmente reflectivel sobre o movimento iberico. Ahi floresceu todo o genero de farças, sobresahindo os *mysterios* da companhia *Gonfalone*. D'ahi tambem e muito cedo, partiu, impregnada de esperanças, a aura da renovação classica no theatro, como nos demais lanços da litteratura.

É averiguado isto: nos paizes latinos, fragmentos d'uma primitiva unidade ethnica, houve em todas as éras, até no periodo critico das discriminações politicas, rudimentos dramaticos acalentados nas praças, nos castellos senhoreaes e nos paços dos reis. Revela este facto uma necessidade irreprimivel de expansão collectiva, imposta talvez pelo sentimento confuso da real soberania, que commanda mysteriosamente os aggregados sociaes.

Foi sobre esses imperfeitissimos e desconnexos germens encontrados na patria, e com um leve auxilio de luz irradiada de longe, que Gil Vicente, rompendo a treva, vingou o tablado portuguez do atrazo em que sempre estivera e, n'uma arrancada pujante de talento, o postou na avançada, completamente victorioso.

Merece mil vezes os nossos preitos o homem que assentou tanto a primor a base angular do theatro portuguez. Se logo apoz, não tivesse desabado, sobre a nação desvairada, a tormenta que a esmagou sob um jugo nefasto, e lhe fez abater o galhardo pendão real, e lhe vampirizou o melhor sangue de seus homens de guerra; se tal desgraça não viesse, levando de roldão as nossas melhores joias de povo livre, nunca mais o theatro nacional, tão brilhantemente iniciado por Gil Vicente, teria emmudecido ou hasteado estrangeiras signas.

## III

**A obra vicentina**

O monumento, que devemos ao esforço de Gil Vicente, corôa-se com o aristocratico brasão da originalidade. Não é que o seu verbo realizasse um *fiat* divino, arrancando do nada a obra prima: não elasticizemos a originalidade até esse limite extremo, phantastico e absurdo. O que avançam os eruditos, é que elle foi tão original e creador, quanto os genios podem sê-lo. Sem duvida, o seu engenho assimilou revérberos de estranha cultura, respigou por Hespanha e França, e na patria soube apropriar o que encontrou de bom em tradições, lendas, usos e rudimentos scenicos, tal qual o fizeram, por exemplo, Molière e Shakspeare. Mas em summa: foi entre nós quem « *inventou* » a acção dramatica, como affirma o seu amigo, o encyclopedico Garcia de Rezende.

Antes d'elle, era o cahos, a mimica rude, era o bloco sem fórma: elle afeiçãoou a estatua, deu-lhe côr, luz, ordem, harmonia, fez que fallasse e agisse: *creou-a*. Pertence-lhe, como ao architecto, o monumento que arrojou aos ares. Dêem ao vimezanense illustradissimo essa honra inteira, sem rebate: bem a mereceu. E demais, quem dos seus pares, fez obra tão alta, segura e gracil como o sublime comico portuguez? Rojas, Mena, Encina, Valdez, Naharro, Michel, não o igualam: as *moralidades*, os *mysterios*, os *milagres*, as *soties*, as *farças*, nada d'isso tem paralelo com os autos vicentinos, os quaes põem em relevo tal conjuncção de dotes e valores, que de maravilha se encontrarão unidos.

Como poeta, é grande a reputação de Gil Vicente: tem quadros do mais puro lyrismo, harmonico e cantante, suave e singelo, espontaneo e commovente, maleavel e novo; ha n'aquelle trovar, a gravidade rigida do philosopho moralista e o riso estridulo do chocarreiro; ha a satyra rechinante e o idyllio virginal; ha os guizos do truão e o protesto altivo do pensador. Ainda hoje, velhinhos de quatro seculos, aquelles versos têm frescura e iêm-se com despertado encanto. Não necessita-

vamos de outra prova, para sabermos que o poeta vale como os que mais valem e merece que, ovantes, o ergamos nos escudos.

No dialogo mantem, quasi a eito, uma naturalidade tão concertada e uma trama tão espirituosa e viva e de tão empolgantes imprevistos, que muitas vezes, só com esse enleio, consegue soccorrer e remediar a falta ou a insignificancia da acção dramatica.

A veia sarcastica, de recursos magicos, é d'aquella musa o filão inexgotavel: n'essa «manha» singularissima nenhum outro lhe levou a palma; cabe-lhe ainda agora o sceptro da galhofa. D'ahi vem o podermos considerar a sua obra como uma gargalhada grandiosa, gargalhada unica, penetrada de luz e de sol, da qual o poeta teve artes de arrancar quantas modalidades lhe suggere o nativo senso esthetico: gargalhada que moraliza e ensina, que historia e desenha, que caricatura e fulmina, que anda de rojo ou se guinda ao céu, lidando sempre, levida e sonora. Por isso toma a gente os seus volumes antigos e não se enfada, antes lhes volve as paginas, com a volupia de quem vai colhendo rosas.

A fornida galeria dos quadros de character é magistral de cor, precisão e malicia: o avarento, o medico, o astrologo, o juiz, o cortezão, a alcoviteira, o fidalgo caloteiro, o ermitão, e outros e outros, serão sempre desenhos admiraveis. Nas demais telas, ainda quando retinge o traço satanico do grotesco, ou embebe a paleta no amargo epigramma, ou debuxa paineis de elevada espiritualidade, manifesta o poeta a magnitude dos seus talentos.

Portanto não haja receio de fazer entrar Gil Vicente no olympto dos nossos deuses litterarios: lá mesmo será maioral.

Não se circumscreve á poesia o applauso vibrante da critica: tambem a feição philosophica e o lado historico da obra vicentina convidam á admiração.

O poeta-philosopho remontou-se á idealisação, extrahiu dos factos as generalisações syntheticas, viu o mundo de alto e com largo e fino syncretismo. Empregou, com predilecção, o symbolo e a allegoria, e semeou a granel adagios populares de que tirou lições de boa moral — pilulas doiradas, servidas entre risos, á consciencia morbida do seu publico.

Não menos interessa o poeta-historiador. Dá-nos um lindo mosaico de factos, quadros e relevos, em que vive ainda a meia idade, susurrando lendas, crenças, sonhos, e descorti-

nando-nos um exacto fundo chromatico do espirito da época, escalonado desde as camaras regias até ás choupanas das serras. Quem se penetrar de tão plenaria documentação, e fixasse em historia correntia o enxame zumbente de tantas informações, teria, n'um chronicon folio, a visão complexa d'aquelle cyclo.

O poeta-moralista não se cançava de golpear o ventre da dissolução, e de arrastar ao pelo o rinho do ridiculo as mais poderosas individualidades. Ora, não obstante elle confiar as audacias mais escabrosas ao *Diabo*, seu actor favorito, e a outras personagens allegoricas, como: fr. *Paço*, a *Morte*, a *Justiça*, a cujas mãos invisiveis passava a vergasta dos castigos solemnes, as investidas doiam, e os golpes sangravam. A isso deve a animosidade que despertou e as accusações com que lhe pagaram.

Acoimaram-no de *hereje!* todavia, o sentimento christão domina e deflagra em muitas das suas paginas e a Biblia é um dos mananciaes da sua inspiração. O *auto da alma* equivale a uma profissão de fé e encerra unção mystica e quadros de santoral, só proprios d'um crente. Aloram de onde a onde impulsos de revolta e esfuziadas de censura biliosa? É certo, mas nunca visam a ferir a propria Igreja: são clamorosas exaltações contra o abuso, contra a indisciplina: só a devassidão refêga e panda quer elle esmagar com a tenaz da musa faceta. Era um clarim bellico contra os peores inimigos do templo; era um rebate do mesmo ardente protesto, que, n'essa hora má, estrondeava em toda a Europa catholica. Na essencia, queria exactamente o que reclamaram muitos concilios e até vozes de santos. Era asperrimo e grosseiro ás vezes o protesto do poeta? Seria, mas, pela divergencia de costumes, não tanto quanto hoje se nos afigura e, sejamos justos, haveria despropósito em exigir que o desafogo d'um trovista sarcastico tivesse a gravidade piedosa d'uma homilia.

Por causa d'essas agruras, mais de fórma do que de ideia, a censura ecclesiastica, por dever da sua missão, houve de fazer côrtes dolorosos já na primeira, mas principalmente na segunda edição das obras. Na verdade, faltando então, á maioria dos leitores, a capacidade critica, comprehende-se e justifica-se a expunção de quadros occasionalmente dissolventes.

Tambem perderam o seu tempo os zoilos que passaram ao poeta o diploma de *ignorante*. Tudo ahi está a gritar contra a

insana aleivosia. Bastará lembrar que elle tinha um conhecimento intenso da litteratura hieratica: que lhe era familiar o hespanhol, o francez, o italiano, o latim; que escrevia o portuguez com tal mestria, que os nossos primeiros grammaticos, Fernão d'Oliveira e João de Barros, o consideraram distincta auctoridade philologica; e que não sómente compunha os autos mas tambem os representava e « *ensoava* », isto é, fazia a musica dos côros e cantilenas. Desencantam-se-lhe recursos omnimodos, ao *ignorantão*!

Improcedente era tambem a viltade de *plagiario*. Aos malevolos que assim o feriam, pediu thema para uma comedia: por mofa deram-lhe o rifão — *antes quero burro que me leve do que cavallo que me derrube* — e logo, o engenhoso artista compoz a scintillante farga de character — *Ignez Pereira* — uma das suas mais perfectas obras. Foi uma victoria reumbante!

Não sustento porém, que a obra vicentina seja um polido espelho sem manchas: pelo contrario, reconheço que enferma de notorias falhas. E como não seria incorrecta, se era uma *novidade*, se o poeta não encontrou regras nem arte, se o machinismo scenico era pobrissimo e se o *meio*, pela quasi escravização a um dado assumpto e a um determinado publico, era deprimente e estreito demais para os amplos adejos d'um grande espirito? Admiro-me de que os defeitos não fossem maiores.

Não conhecia as unidades dramaticas, como tambem as não conheceram outros posteriores marechaes da arte.

O capricho é a sua norma, a acção não avulta, o verso é descurado e desigual, a linguagem tem muitos deslises e atrevimentos, mas essas taras valem pouco, se as comparamos com o luxo oriental de suas faculdades inventivas e comicas.

Censuram-lhe tambem, com indevida severidade, que confundisse as reminiscencias e lendas polytheicas com a pureza do christianismo, a ponto de trazer ao palco Jupiter a par de Jesus, Cassandra a par da Virgem, e emparelhar o que ha de mais santo com o que ha de mais risivel. Não applaudo o comico nas suas irreverencias, mas todos entendiam que a confusão era apenas symbolica e que o fito do artista era interessar mais fundamente a minguada imaginação do publico e nunca impôr mythos extinctos ou offender crenças: era um indispensavel recurso scenico. E tanto este era o juizo dos contemporaneos, que muitos dos autos se representavam em templos e completavam officios liturgicos.

O insigne litterato acareou o applauso geral dos contemporaneos. Os reis e os principes não davam ferias ao mestre do rir e do folgar. Não menos o amava o povo, que a si se revia nas galantes redondilhas, echos do seu viver: tomava-lhe avidamente os autos volantes e foliava doidamente, levando á praça a cançoneta e a comedia: entendidos e irmanados, o povo e Gil Vicente eram uma curiosa equação.

O favónio galgou as fronteiras, alastrou por Hespanha, entrou na França e na Italia e chegou á Allemanha. Exemplificando, é sabido que muitos autos vogaram entre castelhanos e que o descommunal talento de Lope de Vega harto bebeu no manañcial vicentino, como affirma o proprio *Amador de los Rios* na sua «Historia da literatura española». De Erasmo, que, pelo menos era um sabio, já que não foi um crente, é tradição que estudou portuguez só para lêr a obra de Gil Vicente. E Bouterweck e Magnin, que investigaram profundamente a litteratura europeia, consideram Gil Vicente como um dos primeiros iniciadores do theatro moderno.

Outro facto, capaz elle só, de marcar alto preço ao nosso sublime iniciador dramatico, é o de ter fundado numerosa escola entre coevos e posteros. E não só em Lisboa, onde habitualmente residia, mas onde quer que, no sequito dos monarchas, ia ostentar o mago esplendor do genio. A essa illustre pleiade pertenceram, entre muitos outros, o principe D. Luiz, Braz de Rezende, Henrique Lopes, Ribeiro Chiado, Antonio Prestes e o proprio Luiz de Camões.

Se compararmos esta aura de sympathia, com o desfavor que acolheu a *medida nova*, no molde classico de Sá de Miranda e Antonio Ferreira, não obstante valerem estes mais, como eruditos e como cinzeladores da lingua, com mais evidencia se aquilata a superioridade extraordinaria da obra de Gil Vicente.

Em synthese: Gil Vicente, o verdadeiro messias do theatro portuguez,

teve dotes de engenho primacial;

foi lyrico primoroso e comico sem par;

soube encarnar o seu povo e pintar com exacção o seu

tempo;

ajudou a crear a lingua balbuciante;

correu a ridiculo a uivante alcateia de vicios;

foi moralista, philosopho e historiador;

os contemporaneos admiraram e quizeram seguir os seus pairos aquilinos;

os defeitos que teve, esmaiam diante do esplendor magnifico do monumento, que legou.

É justo pois avivar a aureola do grande vimaranense, n'esta memoravel data quadricentenaria, em que elle recitou o seu primeiro ensaio dramatico — *O monologo do vaqueiro*.

Antes do ponto final n'este tenuissimo artigo, cumpre-me dar o indice chronologico das principaes obras do theatro vicentino. Eil-o:

*A Visitação, ou Monologo do Vaqueiro* (1502); *Auto pastoril castelhano* (1502); *Auto dos Reis Magos* (1503); *Auto da Sybilla Cassandra* (1503); *Auto de San Martinho* (1504); *Farça de: Quem tem farelos?* (1505); *Auto dos Quatro tempos* (1505); *Sermão, em verso* (1506); *Auto da Alma* (1508); *Auto da Inlvia* (1509); *Auto da fé* (1510); *Auto da Fama* (1510); *Auto do Velho da Horta* (1512); *Exhortação da Guerra* (1513); *Comedia do Viuvo* (1514); *Auto das Faltas* (1516); *Auto da Barca do Inferno* (1517); *Auto da Barca do Purgatorio* (1518); *Farça dos Physicos* (1519); *Auto da Barca da Gloria* (1519); *Tragicomedia das Côrtes de Jupiter* (1521); *Farça das Ciganas* (1521); *Comedia de Rubena* (1521); *Auto pastoril portuguez* (1523); *Farça de Innez Pereira* (1523); *Farça do Juiz da Beira* (1525); *Fragua do Amor* (1525); *Templo de Apollo* (1526); *Farça dos Almoçeres* (1526); *Farça do Clerigo da Beira* (1526); *Breve summario da Historia de Deus* (1527); *Dialogo sobre a Resurreição* (1527); *Comedia sobre a Divisa de Coimbra* (1527); *Tragicomedia da Serra da Estrella* (1527); *Tragicomedia Novi de Amores* (1527); *Auto da Feira* (1527); *Triumpho do Inverno* (1530); *Auto da Lusitania* (1532); *Romagem de agravados* (1533); *Tragicomedia de Dom Duanlos* (1533); *Amadis de Gaula* (1533); *Auto de Mafina Mendes* (1534); *Auto da Cananã* (1534); *Floresta de Enganos* (1536); e *A Caça dos Segrelos* (perdiida).

13-V-902.

Padre ANTONIO HERMANO.